

Geração Sanduíche: análise em contextos de cossobrevivência e coresidência no Brasil, 2008*

Jordana Cristina de Jesus[†]
Simone Wajnman[◇]

Resumo

A redução da mortalidade e da fecundidade, observada nas últimas décadas no Brasil, levou a mudanças na estrutura e no tamanho da rede de parentescos, tornando as famílias cada vez mais “verticalizadas” e aumentando a prevalência de famílias multigeracionais. O aumento na expectativa de vida fará com que cada vez mais adultos em meia idade ainda tenham pais vivos. Um processo recente, que também impacta as relações multigeracionais é o adiamento da saída da casa dos pais por parte dos filhos, que têm passado cada vez mais tempo na condição de dependentes. O cenário gerado por essas mudanças é de uma parcela crescente de adultos comprimidos simultaneamente por demandas de seus filhos e de seus pais, o que a literatura internacional classifica como “Geração Sanduíche” (GS), sendo as mulheres as mais propensas a ocuparem esse papel. Para os propósitos deste trabalho, definimos GS como uma geração de mulheres adultas que, simultaneamente, tem mãe e filhos sobreviventes e que podem vir ou não a coresidir com eles. O objetivo é analisar em quais fases do ciclo de vida o pertencimento a essa geração é mais provável e também verificar se a coresidência simultânea com essas gerações associa-se a um número sistematicamente maior de horas de afazeres domésticos realizados por essas mulheres. A análise foi feita a partir da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios de 2008 e considerou as mulheres com idades entre 15 e 69 anos. Verificou-se que no Brasil, em 2008, cerca de 30 milhões de mulheres nesse intervalo etário possuíam mãe e filhos sobreviventes. Desse montante, mais da metade possuía o filho ainda no domicílio. Em termos de ciclo de vida, observou-se que a probabilidade de possuir mãe e filho vivos simultaneamente é crescente com a idade e passa a declinar após os 35-39 anos. Entretanto, observa-se que não é nesse intervalo etário as maiores chances de coresidência com as ambas as gerações, apesar da disponibilidade relativamente maior. A maior probabilidade de coresidir com ambos está entre os 20-24 anos. Considerando apenas as mulheres que

* Trabalho apresentado no XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em São Pedro/SP – Brasil, de 24 a 28 de novembro de 2014;

^{†◇} Centro de Planejamento e Desenvolvimento Regional – Cedeplar. FACE/UFMG.

possuem mãe e filho vivos, constatou-se que uma parcela constante a partir dos 35 anos correside com ambos, cerca de 5%. Para as demandas em potencial, temos que a idade diminui o fardo dos filhos, mas eleva a chance de que a mãe tenha limitações em realizar atividades básicas do dia a dia por motivos de saúde. Essas duas forças se combinam de maneira que, entre os 45 e 49 anos, geram a maior chance de demandas concomitantes sobre a mulher. Evidenciou-se que a disponibilidade desses parentes e a maior participação das mulheres no mercado de trabalho não necessariamente se convertem em cenários piores para a vida da mulher, do ponto de vista da atividade doméstica e das horas de trabalho remunerado. As mães corresidentes podem, por exemplo, ajudar nos afazeres domésticos e no cuidado com os filhos, liberando a filha para o mercado de trabalho. Além disso, a ausência dessas gerações no domicílio não significa que não estejam demandando e recebendo apoio em outro domicílio, o que ocorre é a impossibilidade de medir esse tipo de transferência com as pesquisas atuais disponíveis. Os resultados obtidos nesse trabalho sugerem que as relações de transferências entre gerações no Brasil podem se dar de maneira distinta ao que se aponta na literatura internacional e podem ocorrer em mais de uma via, eventualmente beneficiando a própria mulher “ensanduichada”. Isso deve ser considerado quando se deseja entender as implicações para a vida da mulher da GS, frequentemente descritas na literatura como sistematicamente piores quando comparadas às mulheres que não estão na mesma situação. Acreditamos, por fim, que os netos da GS devam ser incluídos em análises posteriores, já que as demandas apenas de mãe e filhos não parecem suficientes para analisar essa geração no país.

Palavras-chave: geração sanduíche; relações intergeracionais; atividade doméstica; Brasil

Introdução

O Brasil experimentou significativas mudanças demográficas ao longo das últimas décadas. Segundo dados do IBGE, a expectativa de vida do brasileiro ao nascer passou de 48 anos, na década de 60, para 74,6 anos em 2012. A redução da mortalidade leva a mudanças na estrutura e no tamanho da rede de parentesco, tornando as famílias cada vez mais “verticalizadas” e aumentando a prevalência de famílias multigeracionais. Por outro lado, a fecundidade também experimentou significativo declínio. A partir da segunda metade da década de 60, essa componente da dinâmica demográfica apresentou uma rápida e sustentada queda. A taxa de fecundidade total (TFT) no Brasil em 1960 girava em torno de seis filhos por mulher, sendo que o censo de 2010 demonstrou uma nova TFT de 1,9, abaixo do nível de reposição. Combinando-se os efeitos das mudanças na expectativa de vida com as observadas para a fecundidade, encontra-se uma parcela crescente na população de adultos em meia idade com pais ainda vivos e com cada vez menos irmãos com quem compartilhar as demandas por parte desses pais idosos.

Um processo recente, que também impacta a configuração dos domicílios, é o adiamento da saída da casa dos pais por parte dos filhos. Acredita-se que eles têm passado cada vez mais tempo na condição de dependentes, principalmente quando comparados à geração de seus próprios pais.

O cenário gerado por essas mudanças é de uma parcela cada vez maior de adultos comprimidos simultaneamente por demandas de seus filhos e de seus pais, o que a literatura internacional classifica como “Geração Sanduíche”, sendo que as mulheres são as mais propensas a ocuparem esse papel. Mesmo com as mudanças ocorridas no Brasil, que elevaram a probabilidade de ocorrência desse fenômeno, a literatura nacional ainda é incipiente sobre questões multigeracionais, principalmente no que tange à Geração Sanduíche. Neste trabalho, pretende-se investigar essa geração no Brasil, discutindo as situações de cossobrevivência² e corresidência³ e de potencial dependência entre três gerações.

² O termo cossobrevivência será usado para descrever a sobrevivência simultânea das gerações que serão analisadas. Para os intuitos desse trabalho, o termo será usado sempre que se desejar deixar explícito que a mãe da mulher da Geração Sanduíche está viva, assim como a geração de filho(s) e configuram a disponibilidade desses parentes.

Os objetivos do presente trabalho são, em primeiro lugar, analisar em quais fases do ciclo de vida é mais provável que uma mulher se encontre na situação caracterizada como Geração Sanduíche. Em segundo, verificar se a coresidência simultânea com essas gerações associa-se a um número sistematicamente maior de horas de afazeres domésticos realizados por essas mulheres.

Revisão da literatura

Desde a década de 80, os demógrafos têm se conscientizado das tendências de aumento de uma geração "imprensada". A metáfora de sanduíche tem sido utilizada para descrever a compressão entre gerações, motivando o termo Geração Sanduíche (GS). Entre os primeiros estudos tratando do tema, está o de Miller (1981), que define a GS como os adultos em meia idade comprimidos por demandas simultâneas de um ou ambos pais sobreviventes e de filhos adultos e/ou netos dependentes. Novas definições foram incorporadas à literatura, dando principalmente foco às mulheres (BRODY, 1990; DORESS-WORTERS, 1994; REMMENICK, 2000; PIERRET, 2002; GRUNDY e HENRETTA, 2006).

Presume-se que a vida como GS possa ser um pouco estressante. Ter pais idosos e ainda criar ou apoiar seus próprios filhos ou netos representa certos desafios não enfrentados por outros adultos. De fato, grande parte dos estudos da GS se ocupa em demonstrar efeitos negativos associados ao fato de estar comprimido. Brody (1981) iniciou essa linha afirmando que a posição central na família gerava sobrecarga. Os estudos que vieram em seguida se debruçaram sobre essa afirmação na tentativa de comprovar os efeitos negativos dessa sobrecarga (DORESS-WORTERS, 1994; ZAL, 1992; ROOTS, 1998; REMMENICK, 2000, PIERRET, 2002).

Marks (1998) discute que há efeitos negativos sobre o bem estar que se dão principalmente pelos importantes conflitos entre as demandas das gerações ascendente e descendente, do trabalho e da carreira. Utilizando os dados do *Wisconsin Longitudinal Study* (1992-1993) a autora demonstrou que se as diferenças de conflito no trabalho e na

³ O termo coresidência será usado para descrever a coresidência simultânea das gerações que serão analisadas. A situação de coresidência será aquela em que a mulher da Geração Sanduíche divide o mesmo domicílio com a mãe e os filhos.

família fossem eliminadas, o cuidado dessas gerações seria mais frequentemente associado a efeitos positivos sobre o bem-estar.

Como Kramer (1997) alerta, as pesquisas das consequências de estar “ensanduichado” têm focado predominantemente nos efeitos negativos do cuidado e os efeitos benéficos potenciais tem recebido pouca atenção (BRODY, 1990; ZAL, 1992; NICHOLS e JUNK, 1997; ROOTS, 1998). Para Künemund (2006), esses estudos não preveem informações confiáveis da proporção de adultos ensanduichados. A fragilidade que o autor aponta, principalmente nos estudos pioneiros de Brody (1981, 1990) é que a hipótese de que pais sobreviventes, cuidado dos filhos e participação na força de trabalho tipicamente coincidem, não é comprovada por dados empíricos. Isso significa que a característica ressaltada das demandas, a simultaneidade, não foi avaliada de maneira devida. O simples fato de haver mais pais sobreviventes e de maior participação das mulheres no mercado de trabalho, por si só, não deveria ser o problema. O ponto que deve ser avaliado é a concomitância desses eventos, que poderia então, gerar sobrecarga. Os achados de Rosenthal et al (1996), com dados do *General Social Survey of Canada*, confirmam tal hipótese, concluindo que estar comprimido entre essas demandas não é o evento típico. E Pierret (2006), fazendo uso do *National Longitudinal Survey of Young Women* da década de 90, encontrou que apenas 9% das mulheres nas idades entre 40 e 50 anos forneceram apoio substancial para essas gerações demandantes. Resultados mais recentes, como os de Wiemers e Bianchi (2013) apontam que apenas 3% das mulheres nessa posição central fornecia algum tipo de apoio concomitantemente aos pais idosos e aos filhos jovens, em 2007.

Como vários autores destacaram, as definições de apoio e cuidados pessoais assumem papel muito relevante, já que é a partir delas que se criam as medidas da sobrecarga e conseqüentemente, atribuem-se efeitos positivos ou negativos ao fato de ser da GS (KAHN et al 2014, KÜNEMUND, 2006; PIERRET, 2006). Essas variações podem explicar, em grande parte, a grande variação dos resultados encontrados sobre o tema. Künemund (2006) destaca que de 1 a 80% dos adultos analisados na literatura podem ser classificados como pertencentes a essa geração. À medida que se caminha de definições mais amplas, que exigem apenas a sobrevivência de tais gerações para aquelas mais precisas, que exigem concomitância de cuidado efetivo aos pais, filhos corresidentes e

participação na força de trabalho, naturalmente, a proporção de pessoas da GS diminui (Figura 1).

Figura 1 – Variação das definições de Geração Sanduíche na literatura



Fonte: Reproduzido da revisão de Künemund, 2006.

Mesmo entre fatores mais diretos, ainda há importantes variações nos estudos. Grundy e Hernetta (2006) consideram as mulheres com idade entre 55 e 69 anos, já Pierret (2006) estima qual é a parcela das mulheres de 45 a 56 anos que fazem parte da geração sanduíche. A amostra do estudo de Fingerman et al (2010) incluiu adultos entre 40 e 60 anos, não apenas mulheres e Henretta et al (2001), delimitam seu estudo para as mulheres de 55 a 63 anos e Wiemers e Bianchi (2013) utilizam o intervalo de 45 a 64 anos.

Também não parece haver consenso na literatura sobre qual é o caminho esperado para essa geração. Alguns autores apostam que sua representatividade deva crescer, enquanto outros acreditam que a frequência relativa de tal fenômeno poderá diminuir nas próximas décadas.

De um lado, alguns autores argumentam que as tendências demográficas farão com que recaia sobre um número relativamente menor de ombros as demandas nos próximos anos e que o risco de se tornar um cuidador em algum momento ou em várias fases ao longo da vida tenderá a aumentar (KANH et al, 2014). Uma vez que o risco de ser ensanduichado entre duas gerações depende tanto da longevidade da geração mais velha, bem como das diferenças de idade entre as gerações, não é de se estranhar que as gerações anteriores, que experimentaram menor expectativa de vida e estavam espaçadas em menores intervalos devido a idades precoces à fecundidade, não fossem tão

sobrecarregadas. Havia menos pais criando filhos que tinham pais idosos ainda vivos e menos filhos adultos de pais idosos ainda tinham filhos dependentes no momento em que os próprios pais demandavam apoio. As atuais tendências, como de adiamento da fecundidade, bem como um número crescente de segundas famílias formadas através de recasamentos (CHERLIN e FURSTENBERG, 1994) ou coabitação pós-divórcio (BUMPASS et al, 1995) e as resultantes diferenças de idade entre pais e filhos pode significar que mais adultos de meia-idade estarão na situação de equacionar as necessidades simultâneas de filhos dependentes, bem como pais idosos demandantes. Além disso, o fato de que as gerações mais jovens agora levam mais tempo para fazer a transição para a vida adulta e estabelecer a independência do apoio dos seus pais estende o tempo de demanda desses adultos (SETTERSTEN e RAY, 2010). Quanto às tendências de mortalidade e morbidade, acredita-se que o aumento contínuo da longevidade levará a proporções crescentes de adultos com pais sobreviventes em idades avançadas, muitas vezes em situação de fragilidade e deficiência (MINIÑO et al., 2011).

Em contraposição, Künemund (2006) vê possibilidades de diminuição desse fenômeno. Um primeiro fator colocado por ele é a morbidade. Supondo que se enfrente uma compressão da morbidade na velhice - não uma expansão -, a idade média em que os cuidados para os pais torna-se necessários deve aumentar no futuro. É plausível supor que um número crescente de mulheres que cuidam da mãe idosa já estará em sua idade de aposentadoria, fazendo com que essa demanda não concorra com trabalho, tornando, portanto, o fenômeno menos relevante no futuro, caso sejam mantidas as idades à aposentadoria. E, uma vez que a distância média em anos entre as gerações dentro de uma família aumenta, a idade média em que os cuidados com os pais idosos passa a ser mais relevante deve se alterar menos em comparação ao aumento expectativa de vida.

Apesar das muitas diferenças entre os estudos, alguns resultados parecem ser consistentes (KAHN et al 2014). De acordo com a literatura mais ampla sobre transferências intergeracionais, os filhos tendem a receber apoio financeiro e corresponsabilidade (BIANCHI et al., 2008). Pierret (2006) também aponta que o grande volume de transferência financeira da GS vai para os próprios filhos, não para seus pais. Os pais então estariam recebendo, em geral, transferências mais difíceis de serem medidas, como cuidados.

O que essa vasta quantidade de estudos e o debate alçado demonstram é que o tema GS tem sido bem tratado na literatura internacional, ao contrário do que ocorre na brasileira. Sobre os trabalhos já realizados no Brasil, o ponto que se destaca é que a grande maioria não faz uso de pesquisas domiciliares e acabam mantendo a lacuna com relação a características sociodemográficas e econômicas, tanto dos indivíduos quanto dos domicílios⁴.

Motta (2010) desenvolveu um estudo sobre a família multigeracional a partir dos resultados de quatro pesquisas realizadas em início de 2000, na Bahia. A discussão é acerca da família multigeracional contemporânea em dois dos seus segmentos geracionais básicos: os muito idosos, que crescentemente atingem a condição de centenários, e a geração-pivô, conceito semelhante à GS, que é constituída por seus filhos, também idosos, que, além de se constituírem em seus próprios cuidadores, também apoiam os seus filhos e netos. A autora aborda as questões de gêneros que devem ser incorporadas a esses estudos ao afirmar que as atuais gerações intermediárias ou pivôs foram socializadas pelas gerações mais antigas, principalmente a dos seus pais centenários, para o exercício dos papéis tradicionais – os homens, como provedores; as mulheres, para serem essencialmente cuidadoras. Alguns trechos das entrevistas do trabalho da autora chamam atenção para a visão que pode ser presumida das obrigações do adulto, no caso, filha, que oferta cuidados: “Duas filhas moravam na vizinhança, e uma delas era a grande cuidadora dele: “Anísia me leva pra tudo quanto é canto”. (p.443). “D. Januária [...] Vivía com a filha mais moça, que a rodeava de cuidados: “A minha vida aqui, ela é a responsável por tudo. Eu era mãe, agora sou filha (riso)”. “É ela a chefe da casa, é ela quem manda, é ela quem resolve...” Ou ainda:

Tornaram-se especialmente elucidativos das relações de família entre idosos os depoimentos da filha Hilda, de 70 anos, que era a sua cuidadora, ao mesmo tempo legítimo exemplo da “geração-pivô: apoiando e cuidando da mãe centenária, apoiando financeiramente o filho descasado, de 32 anos (“Casou sem ter ainda condições de casar”) e pagando a pensão alimentícia do neto de 5 anos, que morava com a mãe. (Motta 2010, p.445).

Reconhece-se a relevância desses retratos na literatura nacional, entretanto, deve-se destacar a lacuna quanto à frequência relativa e caracterização dessas filhas que fornecem

⁴ Como exemplo, temos os trabalhos de Coelho e Ramos (1999), Herédia et al (2007), Pavarini (2009); Vitor et al (2009), Vicente e Sousa (2010) e Motta (2010).

cuidados e a qual condição de vida essa geração está associada, de modo que o Brasil possa ser incluído na discussão internacional sobre a existência de potenciais efeitos negativos. É justamente onde o presente trabalho se coloca, visando demonstrar quais as probabilidades de pertencimento à essa geração ao longo do ciclo de vida, qual a real proporção de mulheres nessa situação e se se confirma que à medida que em aumentam as demandas potenciais, há em contrapartida, um maior número de horas de atividade doméstica realizadas por essas mulheres.

Metodologia

Para a análise foi utilizada a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2008. Na PNAD 2008, foram entrevistadas 391.868 pessoas e 150.591 unidades domiciliares em 851 municípios distribuídos por todas as Unidades da Federação⁵.

Apesar de a PNAD⁶ não ser a fonte de dados mais adequada para estudo das relações familiares no domicílio, por coletá-las de maneira muito sucinta, esta pesquisa apresenta a vantagem de também possuir informações detalhadas sobre características demográficas e socioeconômicas da população e abordar temas específicos, como é o caso do suplemento saúde do ano de 2008. Tal suplemento permite, no caso deste trabalho, analisar qual é a condição de saúde da mãe presente no domicílio.

Foram consideradas as mulheres com idade entre 15 e 69 anos. O limite inferior deve-se ao fato de que a partir dessa idade já se pode ter simultaneamente mãe e filho vivos. O limite superior, por sua vez, foi escolhido porque a partir dos 70 anos, tais eventos são consideravelmente mais raros.

A Figura 2 apresenta as subcategorias da GS utilizadas no trabalho. Parte-se de um grupo mais amplo, que seriam as mulheres que possuem mãe viva, em seguida, filtra-se as mulheres que além de mãe viva, possuem filhos sobreviventes. Essa categoria por sua vez ainda apresenta o subgrupo de mulheres que corresidem com mãe e com filho no domicílio e por fim, o grupo mais específico de mulheres que possuem esses parentes do domicílio e

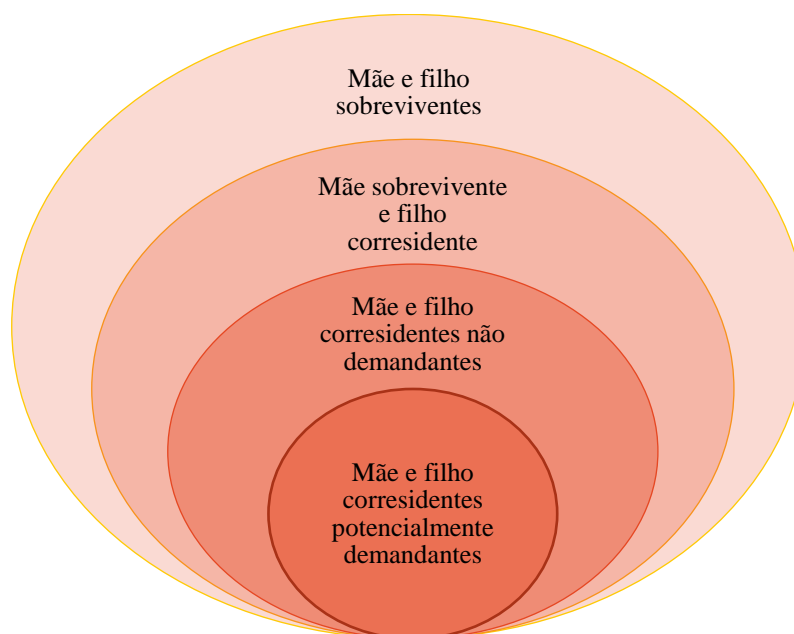
⁵ Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008

⁶ Previamente à escolha dessa fonte de dado, foi feita uma comparação com o Censo Demográfico, por grupos etários quinquenais. Essa comparação foi feita utilizando-se o Censo Demográfico brasileiro de 2010 e a PNAD de 2011 e comprovou a consistência das duas fontes de dados e possibilidade de desagregação por grupos etários.

eles apresentam alguma característica em potencial de gerar demandas. Para construí-las, foram utilizadas as informações das variáveis “tem mãe viva”, “dos filhos tidos nascidos vivos, quantos moram em outro local” e para a coresidência, a variável “relação com o responsável pelo domicílio”.

Para apontar em qual momento do ciclo da vida a mulher estaria em um cenário de maiores demandas, são utilizadas duas *proxies*: filho(s) e mãe potencialmente demandantes. Como o termo indica, eles apresentam características em potencial de gerar demandas para a geração intermediária entre eles. Para o filho, sob a hipótese de que crianças demandam cuidados de certo modo constantes, definimos que a idade de 14 anos ou menos caracteriza potencial demanda. Para a mãe, será considerada potencialmente demandante aquela mulher que tenha respondido “Não consegue”, “Tem grande dificuldade” ou “Tem pequena dificuldade” ao quesito “normalmente, por problema de saúde, tem dificuldade para alimentar-se, tomar banho ou ir ao banheiro, seja essa dificuldade pequena, grande ou totalmente incapacitante”.

Figura 2 - Categorias para classificação das mulheres segundo a condição demográfica



Fonte: PNAD 2008 - IBGE

Resultados

A Tabela 1 apresenta as estatísticas descritivas da população feminina com 15 anos ou mais segundo cenários de cossobrevivência e coresidência. Como se desprende dessa tabela, no Brasil, em 2008, havia cerca de 50 milhões de mulheres com mãe sobrevivente. Esse montante representa 66,6% de toda a população feminina nesse intervalo etário. A maioria dessas mulheres também possuía filhos vivos, cerca de 62%. A coresidência com filho ocorre para mais da metade das mulheres com mãe e filho vivos.

Tabela 1 –Descritivas da população feminina com 15 anos ou mais segundo cenários de cossobrevivência e coresidência com filhos e com mãe. Brasil, 2008.

Categorias	Frequência	Percentuais	
População feminina 15 a 69 anos	68.803.202	100,00	
Mãe sobrevivente	49.502.464	71,95	100,00
Mãe e filho sobreviventes	30.661.100	44,56	61,94
Mãe sobrevivente e filho coresidente	26.593.558	38,65	53,72
Mãe e filho coresidentes	2.511.815	3,65	5,07
Mãe e filho coresidentes potencialmente demandantes	207.374	0,30	0,42

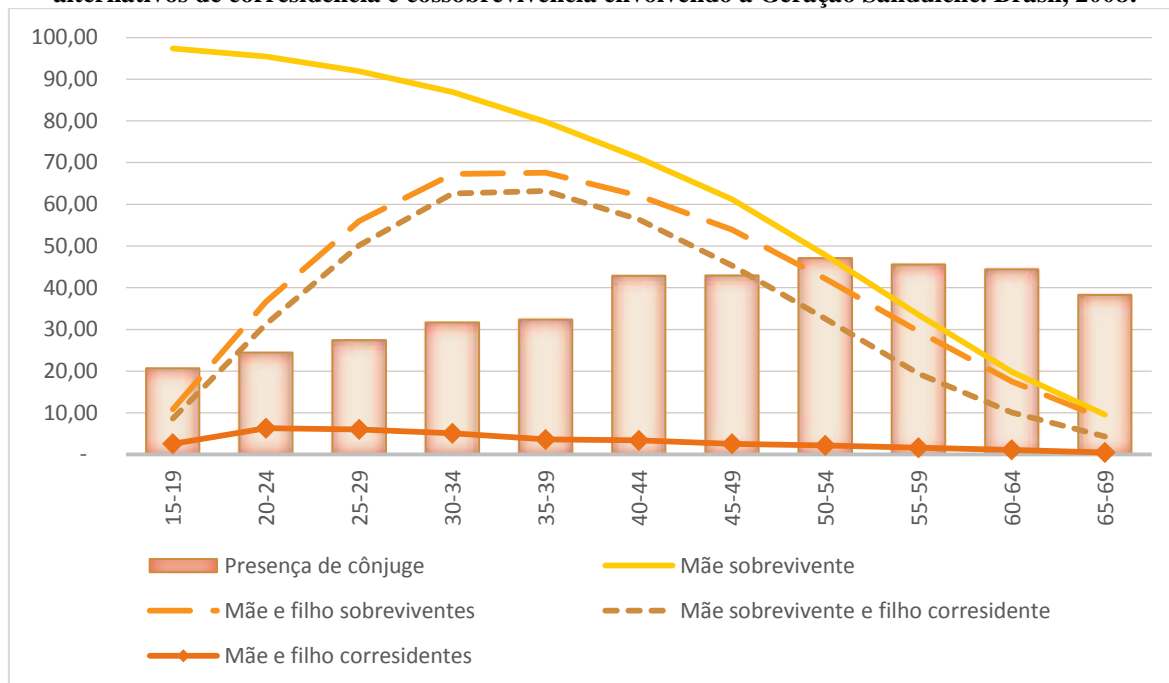
Fonte: PNAD 2008 - IBGE

Sabe-se que essas características de cossobrevivência e coresidência dependem da idade em que a mulher se encontra. O Gráfico 1 apresenta essas proporções por idade e ainda a informação de presença de cônjuge. Como se observa, quanto mais velha é a mulher, menor a probabilidade de possuir mãe viva. A probabilidade de possuir mãe e filho vivos simultaneamente é crescente com a idade e passa a declinar após os 35-39 anos. Entranto, observa-se que não é nesse intervalo etário as maiores chances de coresidência com as ambas as gerações. Essa maior probabilidade está entre os 20-24 anos, provavelmente decorrência de fecundidade precoce, acompanhada da ausência de cônjuge, embora essa suposição deva ser melhor avaliada em trabalhos posteriores. Pode-se inferir que a coresidência não se dá nos períodos em que há maior oferta de filhos e mães sobreviventes, mas muito provavelmente em momentos de mais exigência de apoio entre essas gerações.

Esses mesmos resultados são confirmados pelo Gráfico 2, que apresenta a distribuição proporcional por idade das possíveis combinações de arranjos quando se controla a disponibilidade de tais parentes. Em outras palavras, em todos os quatro casos

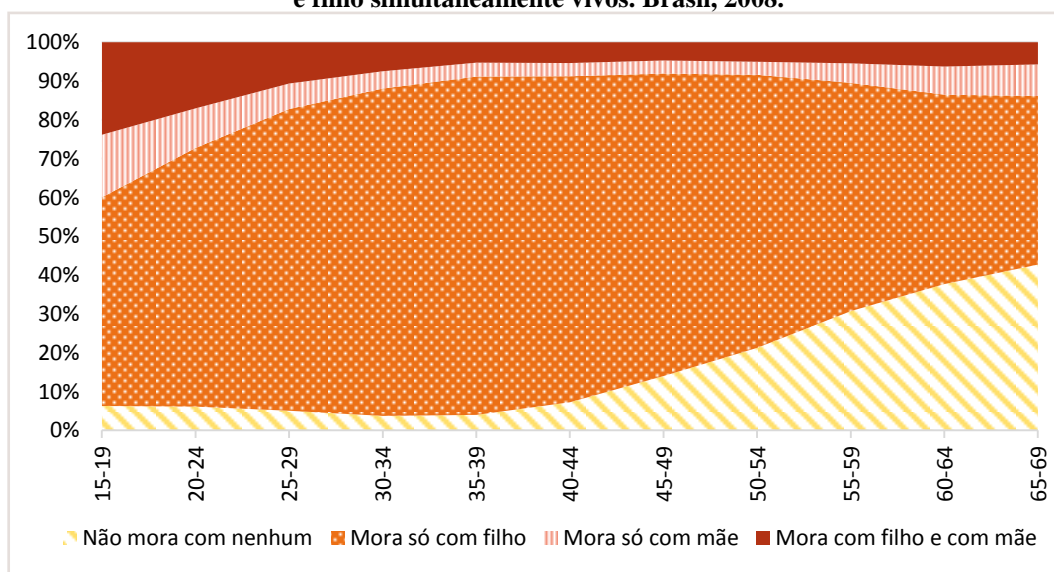
apresentados, a mulher possui mãe e filho vivos simultaneamente. Como se pode perceber, uma parcela constante, a partir dos 40 anos de idade, coreside simultaneamente com mãe e filho. A coresidência apenas com filhos, como esperado, é o cenário prevalente.

Gráfico 1 – Proporção de mulheres de 15 a 69 anos de idade por grupos de idade em cenários alternativos de coresidência e cossobrevivência envolvendo a Geração Sanduíche. Brasil, 2008.



Fonte: PNAD 2008 – IBGE

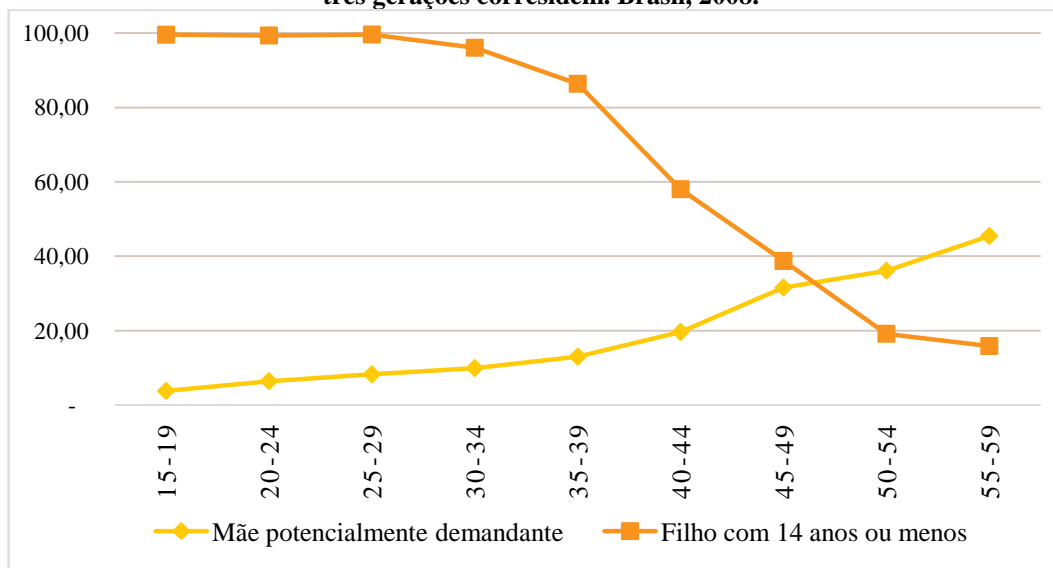
Gráfico 2 – Distribuição proporcional por idade das mulheres de 15 a 69 anos em cenários alternativos de coresidência envolvendo a Geração Sanduíche, considerando apenas as mulheres que possuem mãe e filho simultaneamente vivos. Brasil, 2008.



Fonte: PNAD 2008 - IBGE

Apesar de uma pequena parcela das mulheres que possuem mãe e filho sobreviventes dividir de fato o domicílio com ambos, essa situação de coresidência ainda é pouco conhecida. Do ponto de vista das demandas potenciais, percebe-se que elas se comportam de maneira distinta ao longo do ciclo de vida da mulher. O Gráfico 3 apresenta a proporção por idade das mulheres com filhos de 14 anos ou menos e mães com potenciais demandas, para as idades entre 15 e 59 anos⁷. O aumento da idade dessas mulheres diminui o fardo dos filhos, medido apenas pela idade. Entretanto, à medida que a mulher se torna mais velha, sua mãe também envelhece e passa a ser mais frequente que tenha limitações em realizar atividades básicas do dia a dia por motivos de saúde. Essas duas forças se combinam de maneira que, entre os 45 e 49 anos, tem-se a maior chance de demandas concomitantes.

Gráfico 3 – Proporção por idade de filhos e mãe potencialmente demandantes em domicílios em que as três gerações coresidem. Brasil, 2008.



Fonte: PNAD 2008 – IBGE

Finalmente, tem-se análise da atividade doméstica. Na PNAD 2008, a atividade doméstica foi medida com o quesito “Número de horas que dedicava normalmente por semana aos afazeres domésticos”. Segundo as notas técnicas do IBGE:

“Para as pessoas de 5 anos ou mais de idade, foi pesquisado se habitualmente cuidavam, parcialmente ou integralmente, dos afazeres domésticos, independentemente da sua condição de atividade e ocupação na semana de

⁷ Os grupos etários de 60 a 64 e 65 a 69 anos, por representarem um grupo relativamente pequeno, não podem ser desagregados por condição de saúde da mãe e idade dos filhos.

referência. Entendeu-se por afazeres domésticos a realização, no domicílio de residência, de tarefas (que não se enquadravam no conceito de trabalho) de:

- a) Arrumar ou limpar toda ou parte da moradia;
- b) Cozinhar ou preparar alimentos, passar roupa, lavar roupa ou louça, utilizando, ou não, aparelhos eletrodomésticos para executar estas tarefas para si ou para outro(s) morador(es);
- c) Orientar ou dirigir trabalhadores domésticos na execução das tarefas domésticas;
- d) Cuidar de filhos ou menores moradores; ou
- e) Limpar o quintal ou terreno que circunda a residência.”(Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Síntese de Indicadores 2008 p. 29)

Destaca-se que como atividade doméstica, inclui-se o cuidado com os filhos ou menores moradores, entretanto, exclui-se o cuidado com idosos. Assim, esse quesito oferece apenas uma parte das reais atividades realizadas pela mulher no domicílio, exigindo cautela na análise dos resultados.

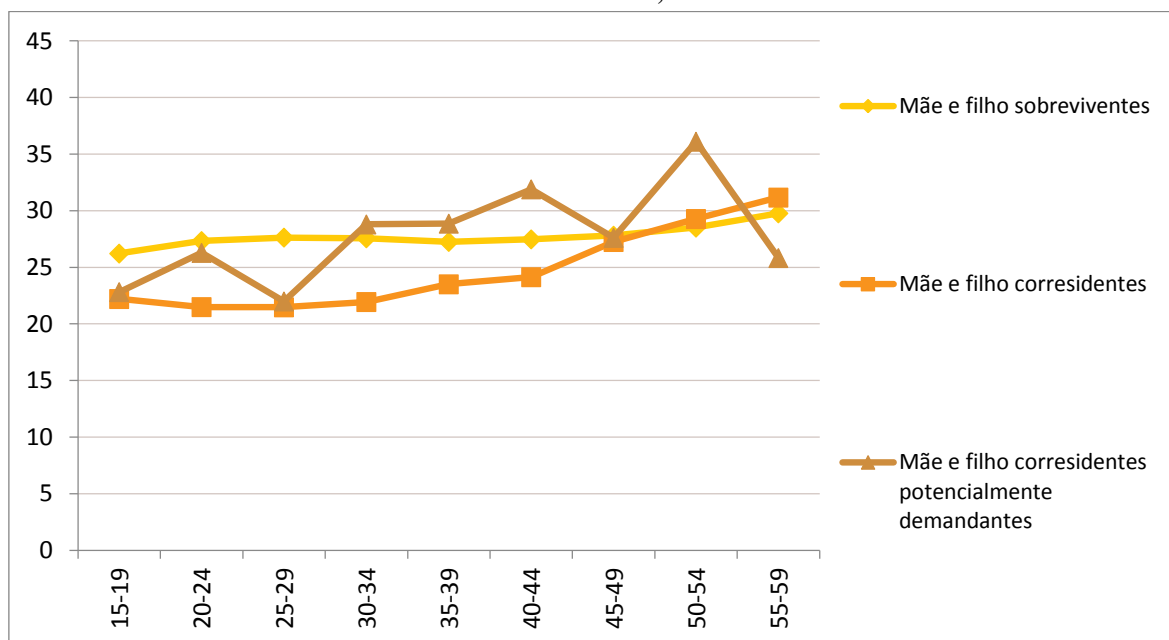
O Gráfico 4 apresenta o número médio de horas dedicadas normalmente por semana aos afazeres domésticos. Nota-se que a presença de filho e mãe no domicílio representa uma quantidade relativamente menor de afazeres domésticos realizados pela mulher. Percebe-se também que a quantidade de atividade realizada é crescente com a idade, tanto para as mulheres classificadas como Geração Sanduíche na definição mais ampla, baseada na sobrevivência dessas gerações, quanto na situação de compartilhamento do domicílio com essas gerações.

Quando ambas as gerações são potencialmente demandantes, a tendência da quantidade de atividade doméstica realizada parece ser superior em relação ao valor médio observado para todas as mulheres que corresidem com essas gerações, sem que se faça distinção da potencialidade de que elas gerem demandas. À medida que as mulheres vão se tornando mais velhas e suas mães potencialmente mais demandantes, ocorre um aumento na quantidade de afazeres domésticos realizada.

Esse resultado pode ser interpretado de duas maneiras possíveis. A primeira delas é considerar que a mãe da Geração Sanduíche, quando corresidindo no mesmo domicílio, divide as atividades domésticas com sua filha, fazendo com a carga seja reduzida. Por outro lado, há uma segunda alternativa, de que como o cuidado com o idoso não deveria

ser contabilizado como atividade doméstica, menos horas de atividade domésticas foram declaradas.

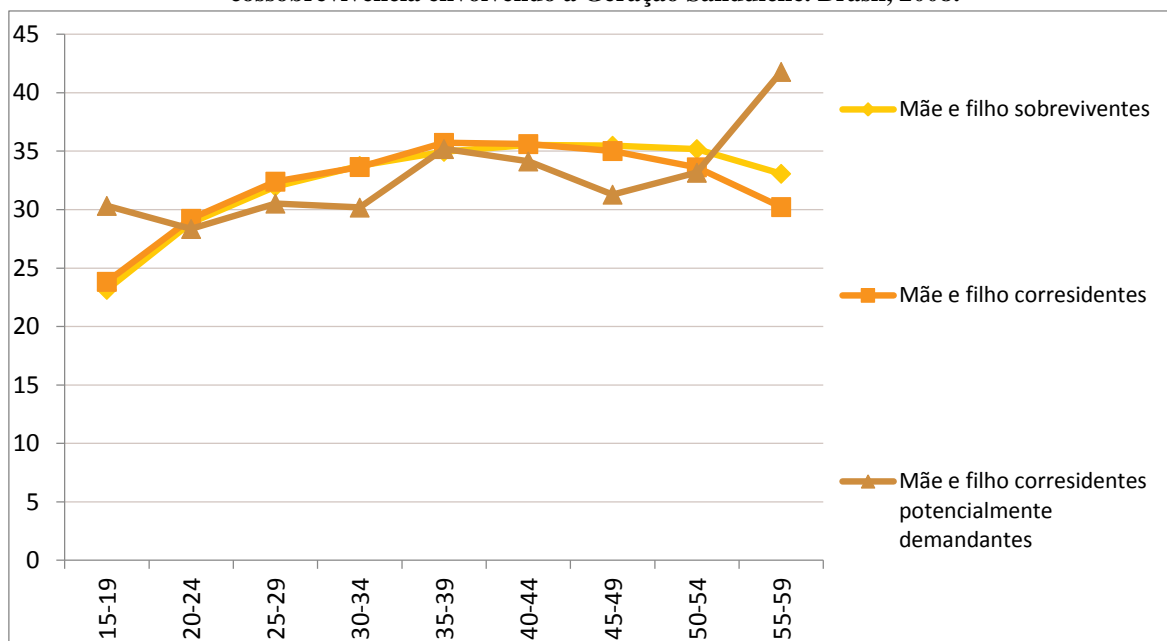
Gráfico 4 – Número médio de horas dedicadas normalmente por semana aos afazeres domésticos, por grupos de idade em cenários alternativos de coresidência e cossobrevivência envolvendo a Geração Sanduíche. Brasil, 2008.



Fonte: PNAD, 2008 – IBGE.

O Gráfico 5, por sua vez, apresenta o número médio de horas habitualmente trabalhadas por semana em todos os trabalhos. Não se percebe diferenças significativas no tempo médio dedicado a atividades remuneradas entre as mulheres em situação de cossobrevivência e de coresidência. A tendência desse tempo de trabalho das mulheres que coresidem com as gerações potencialmente demandantes também é similar. Isso pode indicar que a coresidência não está necessariamente associada a menor tempo dedicado a atividades remuneradas.

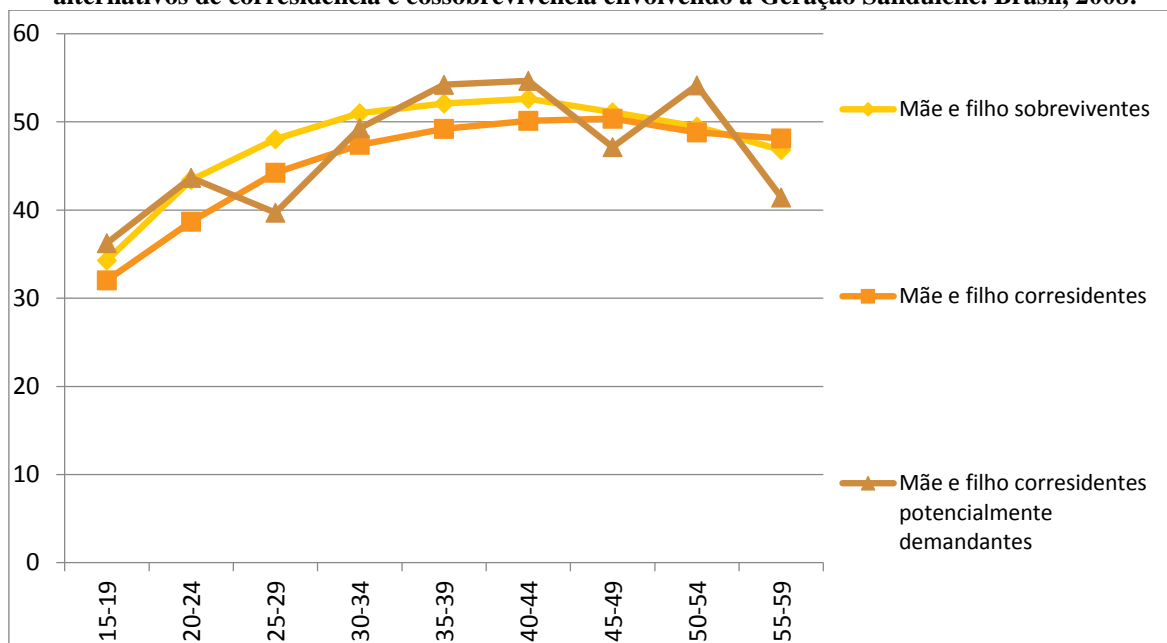
Gráfico 5 - Número médio de horas habitualmente trabalhadas por semana em todos os trabalhos que tinha na semana de referência, por grupos de idade em cenários alternativos de coresidência e cossobrevivência envolvendo a Geração Sanduíche. Brasil, 2008.



Fonte: PNAD, 2008 – IBGE.

Por fim, o Gráfico 6 apresenta a combinação do tempo de atividade doméstica e de atividades remuneradas. Percebe-se que o tempo total dedicado às duas atividades das mulheres com mãe e filho sobreviventes são maiores do que as com mãe e filho coresidentes, até os 45 anos de idade. A partir dos 45 anos, o tempo total de atividades é o mesmo para as mulheres nos dois contextos. Já o caso de mãe e filho no domicílio e ambos potencialmente demandantes não permite conclusões. Esse grupo é representado por uma amostra muito pequena e sofre alterações aleatórias, como fica evidente no Gráfico 5. Vale lembrar que essa parcela é de apenas 0,30% de todas as mulheres de 15 a 69 anos no Brasil em 2008.

Gráfico 6 - Número médio total de horas habitualmente trabalhadas por semana em todos os trabalhos na semana de referência e de horas de afazeres domésticos, por grupos de idade em cenários alternativos de coresidência e cossobrevivência envolvendo a Geração Sanduíche. Brasil, 2008.



Fonte: PNAD, 2008 – IBGE.

Considerações finais

Nesse trabalho buscou-se analisar a Geração Sanduíche no Brasil, discutindo as situações de cossobrevivência e coresidência e de potencial dependência entre três gerações. Demonstrou-se que o momento de maior oferta dessas gerações, dos 35 aos 39 anos, entretanto, não é o intervalo em que a coresidência com essas gerações é mais provável. Essa maior prevalência de coresidência com ambas as gerações é entre as mulheres de 20 a 24 anos. Além disso, evidenciou-se que o intervalo etário de maior potencialidade de gerar demandas é de 45 a 49 anos.

Como os dados para o estudo das transferências são escassos nas pesquisas domiciliares, este trabalho optou por analisar as demandas apenas segundo duas variáveis, a idade do filho coresidente e a condição de saúde como captada pela PNAD. Considerando apenas essas duas variáveis, percebe-se que a simultaneidade das demandas é pequena e por um curto período do ciclo de vida, concentrado entre os 45 e 50 anos.

Os resultados de percentuais pouco expressivos de mulheres em situação de demandas simultâneas corroboram com os autores como Rosenthal et al (1996), Künemund (2006) e Pierret (2006) que também se ocuparam em analisar essa geração.

Esses autores, entre outros, demonstraram a baixa prevalência dessa geração entre os adultos das populações analisadas.

Wiemers e Bianchi (2013) apontam que apenas 3,0% das mulheres nessa posição central fornecia algum tipo de apoio concomitantemente aos pais idosos e aos filhos jovens, em 2007, nos Estados Unidos. Nosso estudo sugere que, para o Brasil, em 2008, o montante seja aproximadamente o mesmo, de 3,65%.

Como Künemund (2006) destaca e esse trabalho apoia, a disponibilidade desses parentes e a maior participação das mulheres no mercado de trabalho não necessariamente se convertem em cenários piores para a vida da mulher, do ponto de vista da atividade doméstica e das horas de trabalho remunerado. As mães corresidentes podem, por exemplo, ajudar nos afazeres domésticos e no cuidado com os filhos, liberando a filha para o mercado de trabalho. Além disso, a ausência dessas gerações no domicílio não significa que não estejam demandando e recebendo apoio em outro domicílio, o que ocorre é a impossibilidade de medir esse tipo de transferência com as pesquisas atuais disponíveis.

Os resultados obtidos nesse trabalho sugerem que as relações de transferências entre gerações no Brasil podem se dar de maneira distinta ao que se aponta na literatura internacional e podem ocorrer em mais de uma via, eventualmente beneficiando a própria mulher “ensanduichada”. Isso deve ser considerado quando se deseja entender as implicações para a vida da mulher da Geração Sanduíche, frequentemente descritas na literatura como sistematicamente piores quando comparadas às mulheres que não estão na mesma situação.

Acreditamos que apesar de a definição pioneira de Miller (1981) fazer menção à geração de netos como demandante, esta acabou se perdendo ao longo dos estudos desenvolvidos posteriormente. Essa suspensão pode ter ocorrido pelo fato de o debate ter se concentrado em países desenvolvidos, em que a geração de netos é postergada por altas idades à maternidade, fazendo com que, para a maioria dos adultos de meia idade, esse não fosse o cenário mais comum. Entretanto, para o Brasil, esse parece ser um ponto que precisa ser levado em conta. As demandas apenas de mãe e filhos não são suficientes para analisar essa geração no país.

Referências

- BIANCHI, S. M., V. J. HOTZ, K. MCGARRY, e J. A. SELTZER. "Intergenerational Ties: Theories, Trends, and Challenges." In A. Booth, N. Crouter, S. Bianchi, and J. Seltzer (eds.) *Intergenerational Caregiving*. Washington DC: Urban Institute Press. 2008
- BRODY, E. M. "Women in the middle" and family help to older people. *The Gerontologist* 21 (5): 471-480. 1991.
- BRODY, E. M. *Women in the middle: Their parent-care years*. New York: Springer. 1991
- BUMPASS, L, R. KELLY, L. e SWEET, J. A. "The Changing Character of Stepfamilies: Implications of Cohabitation and Nonmarital Childbearing". *Demography* 32(3): 425-436. 1995.
- COELHO FILHO, JM.; RAMOS, LR. Epidemiologia do Envelhecimento no Nordeste do Brasil: resultados de inquérito domiciliar. **Revista de Saúde Pública**; v.33, n.5, p. 445-53, 1999.
- CHERLIN, A e FURSTENBERG, Jr. "Stepfamilies in the United States: A Reconsideration". *Annual Review of Sociology* 1994. 20: 359-381.
- DORESS-WORTERS PB: Adding elder care to women's roles: A critical review of the caregiver stress and multiple roles literatures. *Sex Roles*; 1994; 31: 597-616.
- FINGERMAN, K.L., et al. Who Gets What and Why? Help Middle-Aged Adults Provide to Parents and Grows Children. **Journal of Gerontology: Social Sciences**. V. 66, n.1, p-87-98, 2010.
- GRUNDY, E. e JC. HENRETTA . Between elderly parents and adult children: a new look at the intergenerational care provided by the 'sandwich generation'. *Ageing and society*, 26, 2006.
- HENRETTA, JC. et al. Socioeconomic differences in having living parents and children: A US-British comparison of middle-aged women. **Journal of marriage and the family**, v.63, n.3. p.852-867, 2001.
- HEREDIA, VB. et al. Impactos da longevidade na família multigeracional. *Revista Brasileira Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v.10, n.1, 2007.
- KAHN, JR; CLARADY, C.; BIANCHI, S. "The Reconfigured Sandwich: A Fresh Look at Support from the Middle Generation." PAA, 2014.
- KRAMER, B. J. Gain the caregiving experience: Where are we? What next? *The Gerontologist*, 37, 218-232. 1997
- KÜNEMUND, H. Changing Welfare States and the "Sandwich Generation": Increasing Burden for the Next Generation? In: ANDERSSON, L. *International Journal of Ageing and Later Life*. Linköping University Electronic Press. Vol. 1, No. 2, pp 11-30. 2006.
- MARKS F. Does It Hurt to Care? Caregiving, Work-Family Conflict, and Midlife Well-Being. *Journal of Marriage and the Family*, Volume 60, Issue 4. Nov., 1998, 951-966.
- MILLER, D. A. "The 'sandwich' generation: Adult children of the aging." *Social Work* (September): 419-423. 1981

- MINIÑO AM, Murphy SL, Xu J, Kochanek KD. *Deaths: Final Data for 2008*. National Vital Statistics Reports, 52 (10). Hyattsville, MD: National Center for Health Statistics. 2011.
- MOTTA, AB. . A família multigeracional e seus personagens. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 111, p. 435-458, abr.-jun.2010.
- NICHOLS, L. S. & Junk, V. W. The sandwich generation: Dependency, proximity, and task assistance needs of parents. *Journal of Family and Economic Issues* 18 (3): 299-326. 1997.
- PAVARINI, SC et al. Família e vulnerabilidade social: um estudo com octogenários. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 3, Junho/ 2009.
- PIERRET, CR., The “Sandwich Generation”: Women Caring for Parents and Children, **Monthly Lab. Rev**, v.3, p.3-4, Sept. 2006.
- PIERRET C R: The Sandwich Generation: Intra-family Transfers among Middle-Aged American Women. Working paper No.20. Conference of European Statisticians. ECE Work Session on Gender Statistics. Geneva, Switzerland, 23-25 September 2002
- REMMENICK LI: Women of the „sandwich“ generation and multiple roles: the case of Russian immigrants of the 1990s in Israel. *Sex Roles: A Journal of Research*; 2000.
- ROOTS, C. R. *The sandwich generation: Adult children caring for aging parents*. New York: Garland Publications Settersten, Richard A. Jr. & Barbara Ray. 2010. “What's Going on with Young People Today? The Long and Twisting Path to Adulthood.” *Future of Children* 20(1):19-42. 1998
- ROSENTHAL, C. J., MARTIN-MATTHEWS, A. & MATTHEWS, S. H. Caught in the middle? Occupancy in multiple roles and help to parents in a national probability sample of Canadian adults. *Journal of Gerontology: Social Sciences* 51B(6): S274-S283. 1996
- VICENTE, HT., Sousa, L. Relações intergeracionais e intrageracionais: a matriz relacional da família multigeracional. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, v. 15, n.1, p.99-117, 2012.
- VITOR, JF. et al. Perfil sociodemográfico e clínico de idosos atendidos em Unidade Básica de Saúde da Família. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.22, v.1, p-49-54, 2009.
- WAJNMAN, Simone. Demografia das Famílias e dos Domicílios Brasileiros. Tese – FACE/UFGM. Belo Horizonte, 2012, 161 p.
- WIEMERS, E; BIANCHI, S. M. 2013. “Sandwiched between aging parents and boomerang kids in two cohorts of American women.” Paper presented at the 2013 annual meeting of the Population Association of America. Also available as Working Paper 2014-16, Department of Economics, University of Massachusetts, Boston.
- ZAL, M. H. (1992). *The sandwich generation: Caught between growing children and aging parents*. New York: Plenum Press.